



FUNDAÇÃO CÓNEGO MANUEL JOAQUIM OCHÔA

A relação de confiança na base do cuidado dos doentes

Tema: A relação de confiança na base do cuidado dos doentes.

Meta: Implementar novo modelo comportamental, relacional, comunicacional e espiritual na Fundação Cónego Manuel Joaquim Ochôa (FCMJO).

Palavra-chave: confiança e proximidade 'con-tacto'.

Fonte Bíblica: «Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23,8).

Fonte bibliográfica:

- CEP (Conferência Episcopal Portuguesa) – *Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal*, 13 de Novembro de 2020.
- FRANCISCO, Papa – *Mensagem para o XXIX Dia Mundial do Doente*, 11 de Fevereiro de 2021.
- MENDONÇA, José Tolentino – *Jornal Expresso*, edição 2517, 22/1/2021.

O 'con-tacto' à luz da Fé.

A pandemia que estamos a atravessar está a ser, para cada um de nós, um cintilante e ruidoso alerta para a mudança, real e efectiva, de nós mesmos, da mudança das nossas opções fundamentais e dos nossos comportamentos pessoais e comunitário. Os medos, as dificuldades sentidas, as infindáveis dores, as inúmeras violências, o inenarrável desespero de tanto, particularmente daqueles que se encontram na linha da frente desta pandemia ensina-nos que ou mudamos radicalmente ou, então, sucumbiremos. O número crescente de contágios e de mortes podem-nos enfraquecer, podem tornar-nos insensíveis ao ponto de olharmos para isto como apenas números. Isto é um grande perigo, pois por detrás de cada número há uma pessoa, há uma história, há uma vida e há um sofrimento inominável daqueles que vêm partir esta pessoa para a Casa do Pai sem – talvez em muitos casos – terem oportunidade de se despedirem, de dizerem uns aos outros as últimas palavras, de viverem o luto e o processo de luto em família e com a família, com afetos e contactos. O Cardeal D. José Tolentino Mendonça recorda-nos que “a abertura do corpo ao mundo não se realiza sem o tato, que é o seu traço de união primordial. Por fugaz que seja, o tato é uma prova sensível que desmente um dos nossos medos mais

terríveis: o do isolamento radical, o da solidão absoluta. Não admira que os nossos corpos humanos tenham necessidade de se exprimir como ‘con-tacto’¹.

Recordemos o texto bíblico: «Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23,8). O que quer Jesus dizer com isto? Entenderemos melhor ao ler todo o capítulo 23 de o Evangelho de São Mateus. Jesus estás, antes de tudo, a ‘mexer’ nas consciências dos seus contemporâneos e de todos aqueles O escutaram e O escutam ainda hoje. Ele recorda-nos, com veemência, para o perigo da hipocrisia de quantos dizem, mas não fazem (cf. Mt 23, 1-12). O Papa Francisco, nesta Mensagem para XXIX Dia Mundial do Doente, afirma que “ninguém está imune do mal da hipocrisia, um mal muito grave, cujo efeito é impedir-nos de desabrochar como filhos do único Pai, chamados a viver uma fraternidade universal”². Como é verdade isto! Ninguém pode ficar indiferente diante e perante o irmão e a irmã que sofre e que pede ajuda, que está frágil, que está débil, que está necessitado.

É aqui que Fé surge como uma luz, como um elucidar, como um esclarecimento da consciência. Gosto particularmente da palavra ‘elucidar’: ela significa o trazer de fora de nós para o interior de nós luz. É como quem traz luz ao entendimento, como quem traz luz sobre a realidade, como quem ilumina a realidade dos factos, como um esclarecer, como um tronar claro e límpido sobre o que se depara de novo ao nosso entendimento, ajudando-nos a melhor conhecer e a melhor compreender a verdade e a vida. Por isso, a Fé não pode nem deve ficar reduzida “a exercícios verbais estéreis, sem se envolver na história e nas necessidades do outro”³. O perigo de uma Fé estéril, farta em palavras, mas sem a coerência do testemunho, sem a visibilidade nos gestos e nas atitudes das palavras proferidas e professadas, conduzirá, inevitavelmente, à incoerência entre “o credo que se professa e a vida real”⁴.

Entre assunção da Graça e a ‘alegoria do porco’.

Deus, Nosso Senhor, na 2ª Carta de São Paulo aos Coríntios (capítulo 12, versículo 9), revela que a Sua graça é o remédio contra todo tipo de desânimo e de desespero. Revivamos o que o texto bíblico diz: «Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que a (minha) força manifesta todo o seu poder» (2 Cor 12, 9).

Na paradoxalidade da dor e do sofrimento, Deus torna possível o impossível, faz da fraqueza força, faz da dor lugar de graça, torna o sofrimento como lugar de manifestação da Sua infinita misericórdia. Mas porquê e como? Primeiro, porque a nossa condição genesíaca é fundamentalmente egoísta. O homem, e cada um de nós, está voltado para si mesmo, para a satisfação dos seus desejos e vontades, para a desenfreada fruição emocional e empírica. Por outras palavras, somos muito mundanos, somos muito do que vemos e sentimos, muito ligados ao mundo material. É-nos muito difícil olhar para o ‘alto’, trabalhar a espiritualidade. O nosso ego não gosta de receber ordens nem que lhes sejam colocadas barreiras e limites à sua acção. Quando escutamos, por exemplo, os Dez Mandamentos ou as orientações doutrinárias da Santa

¹ *Jornal Expresso*, edição 2517, 22/1/2021.

² Papa Francisco – *Mensagem para XXIX Dia Mundial do Doente*, 11 de Fevereiro de 2021, nº 1.

³ *Ibidem*, nº 1.

⁴ *Ib.*

Igreja, parte de nós, aquela parte mais íntima e mais profunda, mostra o seu desagrado, mostra as suas resistências. A nossa reação primeira é sempre a de negação e a de rejeição.

Segundo D. Adair José Guimarães, Bispo de Formosa (Brasil), a sociedade e o mundo actual parecem assemelhar-se ao ‘porco’. Trata-se, com efeito, de uma alegoria em torno da natureza suína e na sua similitude com a realidade humana actual. Todavia, em que consiste esta “alegoria do porco”? O porco, por natureza, está fisiologicamente voltado para o chão, voltado para baixo. Gosta e procura a lama e o lodo, passa a vida a fuçar, remexe o chão à procura de alimento, sendo incapaz de se levantar e de se erguer. O mundo dele é o chão, é o mundo da sujidade e lodo. O porco só olha para a matéria e é incapaz nunca olha para o alto. Na verdade, tudo o que precisa está abaixo dele, no toque do seu focinho. Importa aqui dizer que ao homem é-lhe pedido a postura da elevação. No entanto, a humanidade hodierna começa a ser e a ter comportamentos desta alegoria porque, teimosamente, só olha para a matéria, não tem ‘contacto’, não toca, não contempla, não sente e não vê com os olhos do coração, não vê o invisível no visível, não sente a transcendência como lugar próprio da pessoa humana. O desafio é, em primeiro lugar, reconhecer esta miséria e, reconhecendo-a, mudar o nosso olhar, o nosso entendimento de olhar para o alto, de nos tornarmos o que realmente somos, ou seja, *homo erectus* e *homo sapiens*. E, segundo lugar, lutar, sob a mão e a graça de Deus, contra estas amarras que viciam, que prende, que escravizam e esvaziam.

Quando o homem está no lodo, quando está no fundo do poço, quando apenas apreende a realidade e os sensorialmente, então o homem encontra-se acorrentado ao mundo material, onde não lugar para a luz, para o reconhecimento do outro como luz que me abraça, para Deus que me quer resgatar e trazer das trevas para a luz da vida. Se pensarmos a alma como se de uma cisterna se tratasse, a nossa primeira atitude era fazer com que a água desta cisterna fosse o mais translúcida e transparente possível. Porém, a nossa tentação de nos abeirarmos da matéria, de nos afastarmos de Deus, de baixar a cabeça e de rasteja no pó da terra, de nos agarrarmos às soluções pseudo-vitoriosas e pseudo-salvadoras desta cultura dominante, desta nova ordem global de aniquilamento da Fé – especialmente, da Santa Igreja Católica – que se propõe assumir o lugar próprio de Deus nos corações dos homens deste tempo. As bandeiras do progresso, da prosperidade económica, do investimento e do consumo, da evolução da técnica e da ciência são as imagens perfeitas para distrair a alma de Deus, criando em nós o sentimento de auto-sustentação, de auto-domínio e de auto-controlo sobre mim, sobre os outros e sobre a ordem natural das coisas. No entanto, sabemos-lo, e bem, que não passam de vãs ilusões.

A resposta central ao sentido da vida é só uma: Nosso Senhor Jesus Cristo. Não é Buda, não é Maomé, não é o avatar, não é nada destas espiritualidades sem Deus e sem o sagrado que hoje proliferam que nem cogumelos. Espiritualidades estas que vão buscar os nossos símbolos e sinais cristãos, que mudam o nosso entendimento, que nos coarta a nossa liberdade e a nossa autonomia, que nos tiram a luz de Deus e que são a presença visível da mão de Satanás. Temos de ser sérios e duros nesta análise. Não sei se já se questionaram ou se já se interrogaram sobre isto, mas já se aperceberam que, em vez dos sacerdotes religiosos, a espiritualidade está a ser ensinada por médicos e outros pseudo-intelectuais? Julgo pensar que isto é uma nova versão do iluminismo de Kant, de Hegel e de Heidegger, com os traços próprios de Feuerbach, Marx e Nietzsche, e com requintes e refinações da cultura hodierna. Por isso, a nossa resposta só pode ser uma: Jesus Cristo é a única resposta à angústia, à dor e ao sofrimento do homem, é a única

resposta válida e plena ao coração do homem, é a única resposta ao sentido existencial e ôntico de cada um de nós. É fundamental dizer e lembrar, em primeiro lugar a mim mesmo e segundo lugar na comunicação com os outros, que Jesus Cristo é a Verdade, não outra Verdade, como podemos ler no Evangelho de São João: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6).

Esta consciência gera em nós a assunção da humildade. Precisamos ser humildes, humilhar o nosso coração, acabar com a vaidade, com o orgulho, com a soberba que tomam conta do nosso coração e da nossa alma. É este orgulho que faz fechar os ouvidos à voz de Deus, à voz do irmão e à voz da consciência. É um fechar à graça de Deus e um abrir para a miséria do pecado, da servidão e da dependência; é o ‘vender ao desbarato’ da alma ao mundo material, entregando o que mais de valioso há em nós a Satanás. Esta entrega voluntária e consciente da alma a Satanás faz com que nós sejamos, a partir de então, seres que deixam de ser o que realmente são e que estão destinados a ser – pessoas viventes na liberdade e no amor genuíno – para começarem a ser o que não são e a viverem uma realidade que não é a sua. Aqui se entende a alegoria do porco, ou seja, viver natureza suína e na natureza humana

A doença.

“A doença – diz o Papa Francisco – impõe uma pergunta sobre o sentido que, na fé, se dirige a Deus. Uma pergunta que procura um significado novo e uma nova direção para a existência e que, por vezes, pode não encontrar imediatamente uma resposta”⁵. Esta inquietude existencial é um grito para Deus, é o abrir à e para transcendia, para um novo horizonte sobre o sentido real e novo da vida. A presença de Deus no processo existencial não só é purgante como reparador. Pois, ao vermos o caso de Job, apercebemo-nos que o processo de dor e de abandono se transforma em momento privilegiado de conversão e de transformação. Na verdade, Job é interiormente renovado, volta-se para o essencial e, no essencial, sente despontar, a partir de dentro, um coração novo vibrante de sentido e de vida: «só Vos conhecia por ouvir falar de Vós, mas agora já Vos viram os meus próprios olhos» (Job 42, 5).

Vejamos este exemplo: quem não tenta fazer tudo o que lhe humanamente possível perante uma dificuldade ou problema? Neste processo, onde coloco Deus: em todo o processo, já no final do mesmo ou nunca O coloco? Estas questões ajudam a clarificar a realidade da natureza humana que se agarra e deposita a sua esperança na evolução científica e técnica, na capacidade de nela própria resolver todas as questões. Pensar assim é pensar que Deus é uma maquinaria humana de pessoas intelectualmente invalidas ou não instruídas⁶.

Em segundo lugar, a experiência da dor, do abandono e do sofrimento faz-nos sentir, tão paradoxalmente, a presença amorosa de Deus. Dito de outra maneira, quando expiramos profundamente depois de longas lágrimas, sentimos um vazio. É este vazio que nasce, passe o pleonasma, do esvaziar do lixo do nosso ego. E é neste instante que Deus, Nosso Senhor, se apresenta junto de nós e no diz: ‘Já choraste tudo? Já esvaziaste esse lixo que havia em ti? Bom, então, calma... Eu vou cuidar de ti!’ Aqui chegamos ao segundo ponto: o como, isto é, à Graça de

⁵ *Ibidem*, nº 2.

⁶ Um aparte, esta é lógica marxista do progresso e da ciência que tão enraizado está no tecido social hodierno.

Deus que se faz sentir na presença próxima e solícita do irmão que se tornam “mãos de Deus junto de quem sofre, junto do doente”. Os Bispos Portugueses lembram que “cuidar de um doente significa prestar assistência a uma pessoa fragilizada, abalada e insegura, em que a responsabilidade de quem cuida implica zelar, consolar e medicar de acordo com a individualidade de cada um. O cuidado para com a pessoa doente implica igualmente restaurar e curar a vida espiritual e suscitar esperança”⁷.

«basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que a (minha) força manifesta todo o seu poder» (2 Cor 12, 9). Portanto,

Proximidade e serviço.

“A doença tem sempre um rosto”⁸. Como é forte e bela esta expressão do Papa Francisco! Citando a Encíclica “Fratelli tutti” (nº 22), o Papa Francisco introduz-nos no conceito da antropologia filosófica cristã sobre a proximidade. A proximidade é, para o Papa Francisco, “um bálsamo precioso, que dá apoio e consolação a quem sofre na doença”⁹, lembrando uma das parábolas da misericórdia, isto é, a parábola do *Bom Samaritano* (cf. Jo 13, 34-35). Esta fundamentação do conceito de proximidade a partir da parábola do *Bom Samaritano*, permite-nos entrar no dinamismo que a própria (a proximidade) exige. Por outras palavras, o episódio da parábola mostra-nos que o outro – independente das suas origens étnicas, culturais, políticas e religiosas – é *meu irmão*, pertencente à mesmíssima casta que eu, participante do mesmíssimo sacrifício redentor da Cristo, detentores do mesmíssimos dons e graças de Deus. Esta assunção do outro como irmão projecta-nos para novas formas de ser e de estar, para uma nova solidariedade sustentável no serviço. Como é fabulosa a visão de serviço do Papa Francisco: “o serviço olha sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade até, em alguns casos, a “sofrer”, e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, já que não servimos ideias, mas pessoas”¹⁰.

Entendemos, portanto, que o serviço estabelece vínculos relacionais. Este permite, potencia e possibilita o despontar de uma relação interpessoal assente na confiança. Como é sagaz o Papa Francisco ao afirmar que o serviço é “um pacto baseado na confiança e no respeito mútuos, na sinceridade, na disponibilidade, de modo a superar toda e qualquer barreira defensiva, colocar no centro a dignidade da pessoa doente, tutelar o profissionalismo dos agentes de saúde e manter um bom relacionamento com as famílias dos doentes”¹¹. O mesmo se diga da relação entre o cuidador e a pessoa doente ou frágil: é na *caridade de Cristo* que encontramos “uma fonte inesgotável de motivação e de energias”¹² como atesta o testemunho credível de tantos homens e mulher que “se santificaram servindo os enfermos”¹³. Este é o amor que brota

⁷ CEP – *Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal*, 13 de Novembro de 2020, nº 6.

⁸ Papa Francisco – *Mensagem para XXIX Dia Mundial do Doente*, 11 de Fevereiro de 2021, nº 3.

⁹ *Ibidem*, nº 3.

¹⁰ *Ib.*

¹¹ *Ibidem*, nº 4.

¹² *Ib.*

¹³ *Ib.*

do Coração de Cristo, “aquele amor que é capaz de dar sentido pleno, tanto à condição do doente, como à da pessoa que dele cuida”¹⁴.

Desafios e missão.

Este ‘mundo novo’ – suscitado pelo coronavírus – exige-nos uma reflexão séria sobre o modo como nos dirigimos, como nos relacionamos e como cuidamos daqueles que nos são confiados.

Conscientes dos erros passados, marcados especialmente por estilos de vida e “modus operandis” mais narcisistas e hedonistas do que altruístas, abnegativos e doativos, queremos, com efeito, implementar um novo modelo comportamental, relacional, comunicacional e espiritual na FCMJO.

A palavra-chave desta mudança paradigmática é a proximidade. Nela somos projectados para o serviço humilde e generoso do irmão, do reconhecer que no outro existem vínculos que nos une e que nos congrega. Como perturba o sorriso generoso e gratuito daquele que a mim se confia! Sentimo-nos tão insignificantes, tão nada...! Como pode aquele sofredor, aquele doente, aquele frágil sorrir e agradecer? De facto, desconcertante.

É o abraçar humilde do sofrimento alheio que me faz abraçar o meu próprio sofrimento. É no tocar, no tatear de mim mesmo que se me revela, como num deslumbre de luz, a minha própria realidade. Na relação empática com a pessoa frágil e doente, e na doação livre e incondicional a mim, experimentamos o dom grandioso do abraço, do cruzar e entrelaçar dos corpos que se unem e dos corações que se tocam. Sim, corações que se tocam! É disto que precisamos: corações que se toquem e deixem tocar, a fim de neles florescer a luz que inebria e sacia. O cardeal D. Tolentino Mendonça afirma a este propósito: “quando os braços se enlaçam incorporamos e somos incorporados no coração uns dos outros, como se no coração do nosso amigo tivéssemos um ninho ou uma pátria. Nesse abandono consentido expressam-se certezas que nos são tão caras: reciprocidade, alegria, ternura, presença, encontro e reencontro, comunhão. O instante do abraço declara-as todas num jorro, e como que as sela na nossa alma. Por isso, o abraço não é só uma amarra, uma pausa onde a respiração repousa: é também um trampolim que nos projeta onde, sem a confiança e a inspiração dos que nos amam, não conseguiríamos chegar”¹⁵.

Somos convidados à mudança. Passar do indiferentismo para a proximidade; passar do egoísmo para o altruísmo; passar da apatia para o serviço. Eis o alerta: “a pandemia tornou as relações menos táteis. Têm de ser os olhos e as palavras a explicar que gostaríamos de apertar a mão, trocar um beijo ou um abraço e não podemos. Mas a verdade é que passamos a transportar esse vazio em nós. O vazio de todos os abraços não-dados. Que, por vezes, nos pesa como uma ferida e outras nos alenta como uma promessa”¹⁶.

¹⁴ *Ib.*

¹⁵ *Jornal Expresso*, edição 2517, 22/1/2021.

¹⁶ *Ibidem.*

O modelo: metodologia a implementar.

Seguindo as indicações do Santo Padre para Dia Mundial do Doente, queremos implementar o modelo apresentado por Jesus (cf. Lc 10,30-35) para este 'mundo novo e tempos novos'. Sete verbos, sete dinâmicas, sete modos, sete posturas para o serviço na proximidade do 'con-tacto' acolhedor e regenerador do abraço:

- deter-se silenciosa e respeitosamente perante o doente;
- escutar activamente o doente;
- estabelecer uma relação direta e pessoal com o doente;
- sentir empatia e enternecimento (*compaixão, ternura*) pelo doente;
- deixar-se comover pelo sofrimento do doente;
- encarregar-se do doente;
- servir o doente.